

Cacilda Barbosa
Lucinha Cabral

piripaque e rapinante

CULTURA





Piripaque e Rapinante



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNADOR DO AMAZONAS
OMAR AZIZ

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
JOSÉ MELO

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
ROBÉRIO BRAGA

SECRETARIA-EXECUTIVA
**ELIZABETH CANTANHEDE
MIMOSA PAIVA**

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

CULTURA
Secretaria de Estado

AV. SETE DE SETEMBRO, 1546
69005-141 – MANAUS-AM-BRASIL
TELS.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357
FAX.: (92) 3233-9973
E-MAIL: CULTURA@CULTURAAMAZONAS.AM.GOV.BR
WWW.CULTURAAMAZONAS.AM.GOV.BR

Cacilda Barbosa

Piripaque e Rapinante

CULTURA



Edições
Governo do Estado

© CACILDA BARBOSA, 2013

EDITOR **¶ Antônio Ausier Ramos**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **¶ Jeordane Oliveira de Andrade**

CAPA E PROJETO GRÁFICO **¶ Ângelo Lopes**

FINALIZAÇÃO **¶ André Martins**

EDITORIAÇÃO GRÁFICA **¶ Gráfica Moderna**

REVISÃO **¶ Sergio Luiz Pereira**

NORMALIZAÇÃO **¶ Ediana Palma**

B238p Barbosa, Cacilda.


Piripaque e Rapinante / Cacilda Barbosa; Lucinha Cabral (il.). – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2013.

20p. : il. ; 15x21cm.
Inclui Mini glossário.

ISBN 978-85-64218-40-6

1. Literatura Brasileira. 2. Conto. 3. Brasil. I. Cabral, Lucinha (il.). II. Título.

CDD 869.301
CDU 821.134.3(81)-34

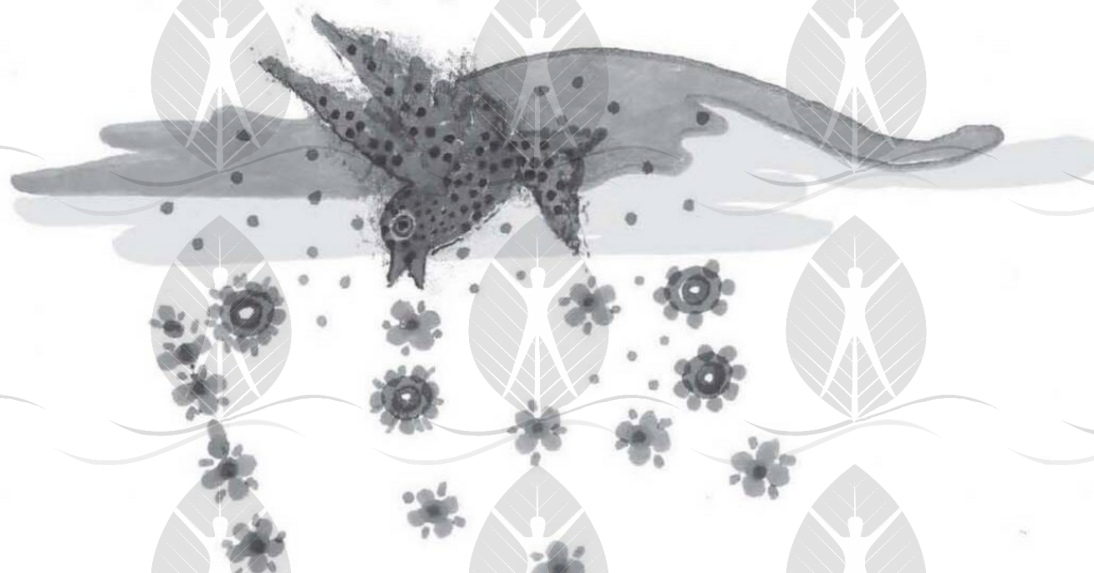


Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz
Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

Piripaque e Rapinante

Não dava para Azulino esconder a sensação maravilhosa que sentia ao deixar-se cair lá de cima do azul do céu, até quase tocar com as asas o chão de capim verde e macio. Todo azul com tonalidade mais clara nas asas, o pássaro sentia-se o dono daquele bosque, ria ao lembrar como ganhara dos amigos um apelido tão engraçado: Piripaque.



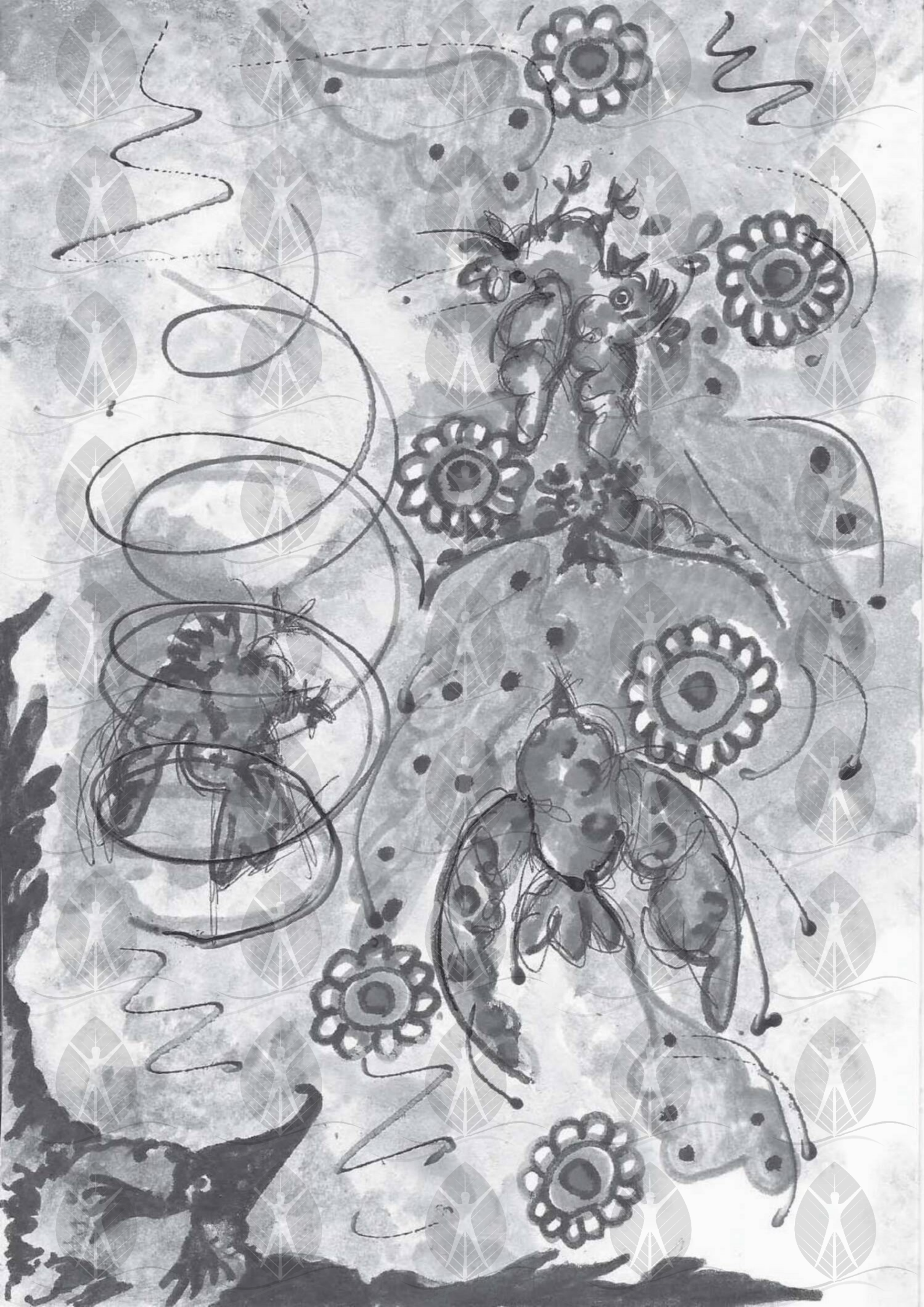
Foi assim

Um dia de sol ardente e sufocante, sua companheira, a Morena, chamou-o lá de cima do galho onde dentro do ninho ela chocava três ovinhos. Ao voar e pousar ao lado de Morena, o pássaro azul viu no fundo do ninho três cabecinhas, peladas e feias, os olhos esbugalhados e os pequenos bicos abertos piando desesperados. – São teus filhotes que acabam de nascer, faço Morena cheia de orgulho. O pássaro sentiu seu pequeno coraçãozinho disparar adoidado e, perdendo fôlego, Azulino, o sanhaço, caiu lá de cima no barro seco: o pobre pássaro havia desmaiado e ficou lá de perninhas para cima, olhos fechados e bico aberto, mal respirando.

Depois das risadas dos amigos, Azulino, envergonhado, tratou de aceitar seus filhotes com amor. Mas no momento em que o primeiro deles tentou voar fora do ninho, novamente Azulino desmaiou feio. Dessa vez, Morena ficou zangada e, batendo o pezinho, falou: – Nossa, que cara mais molenga, qualquer coisinha ele sai dando piripagues. Pronto, daquele dia em diante, todos passaram a chamar o pássaro azul de Piripaque.

No bosque corria tudo calmo: flores cheias de pólen e abelhas nervosas colhendo para fabricar o doce mel. Os filhinhos de todos os pássaros iam crescendo saudáveis e bonitos. Ali naquele bosque encantado tudo era belo. Um dia, aquele silêncio mágico foi quebrado por um ruído horrível: era como





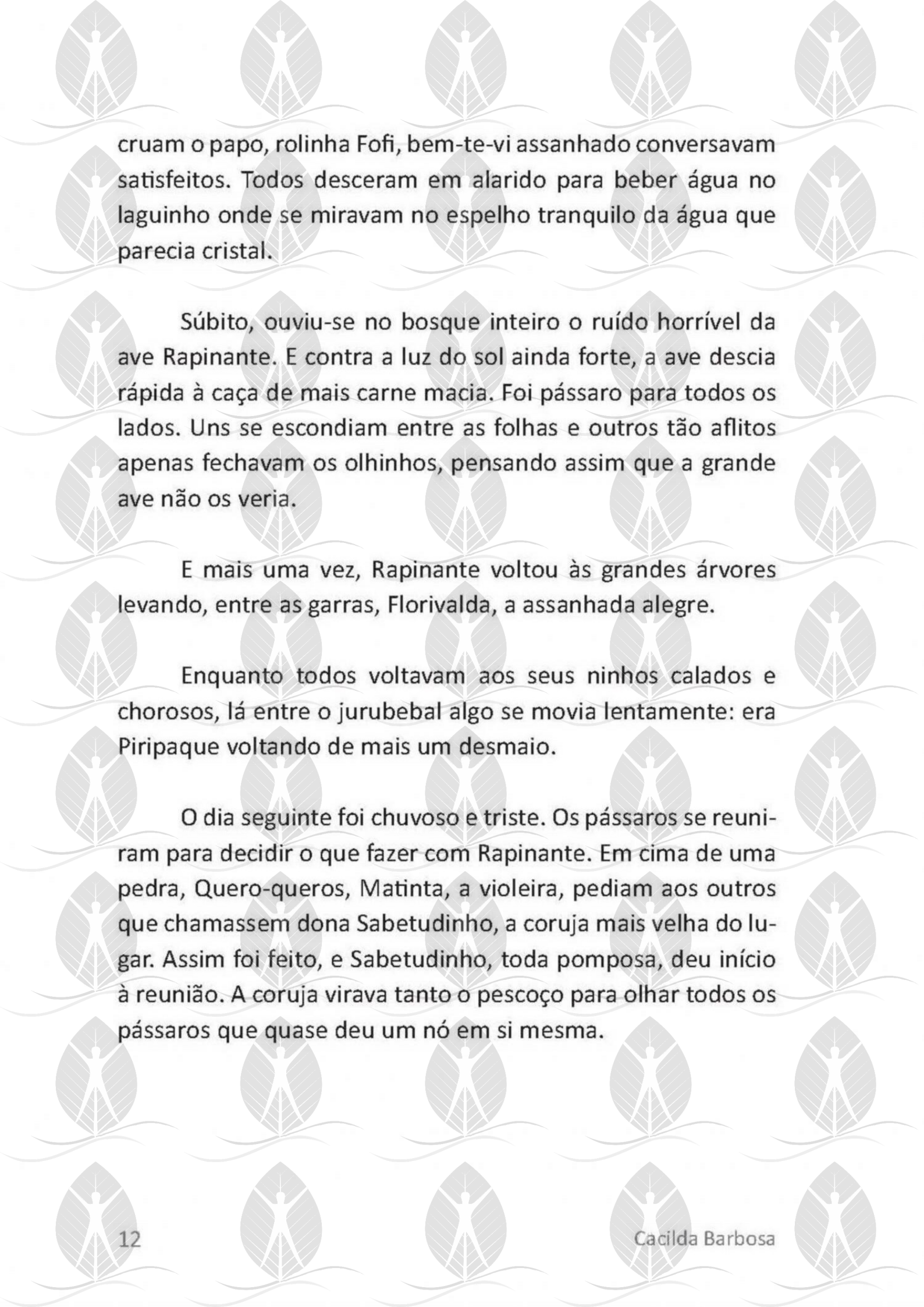
se uma enorme montanha de vidro estivesse se quebrando em cacos, o ruído fazia assim: kiii kiiiiiiiiiiiiiiii kiiiiii vindo este som terrível de cima da copa mais alta das árvores. Os pássaros todos assustados saíram, voando esse, batendo uns nos outros e se escondiam entre os arbustos cheios de espinhos. Do céu desceu, como uma seta, uma ave grande e bonita, era ela quem fazia aquele barulho ensurdecedor. Um grande gaivão com suas asas de cor marrom-dourado e branco zuniam ao vento. O bico era curvo e ameaçador.

Sem tempo de se esconder, Piripaque e Amarelinho, o canário cantador, ficaram paralisados de medo. A ave de rapina desceu feroz sobre o Amarelinho, cravou as garras em seu corpinho e se elevou de volta às grandes árvores. Novamente Piripaque desmaiou e caiu entre os pontudos espinhos de uma jurubeba.

Piripaque abriu os olhinhos, Morena despejava com o bico gotinhas de orvalho sobre o apavorado pássaro.

O que os amedrontados pássaros haviam acabado de presenciar não era um ato de selvageria, era a lei da sobrevivência, onde um abate o mais fraco que ele possa se alimentar. Aos poucos os passarinhos foram esquecendo a grande ave e o pobre Amarelinho.

O sol alto e o céu azul e bonito com o velho vento cantando entre as folhas da pitombeira, onde vários pássaros en-



cruam o papo, rolinha Fofi, bem-te-vi assanhado conversavam satisfeitos. Todos desceram em alarido para beber água no laguinho onde se miravam no espelho tranquilo da água que parecia cristal.

Súbito, ouviu-se no bosque inteiro o ruído horrível da ave Rapinante. E contra a luz do sol ainda forte, a ave descia rápida à caça de mais carne macia. Foi pássaro para todos os lados. Uns se escondiam entre as folhas e outros tão aflitos apenas fechavam os olhinhos, pensando assim que a grande ave não os veria.

E mais uma vez, Rapinante voltou às grandes árvores levando, entre as garras, Florivalda, a assanhada alegre.

Enquanto todos voltavam aos seus ninhos calados e chorosos, lá entre o jurubebal algo se movia lentamente: era Piripaque voltando de mais um desmaio.

O dia seguinte foi chuvoso e triste. Os pássaros se reuniram para decidir o que fazer com Rapinante. Em cima de uma pedra, Quero-queros, Matinta, a violeira, pediam aos outros que chamassem dona Sabetudinho, a coruja mais velha do lugar. Assim foi feito, e Sabetudinho, toda pomposa, deu início à reunião. A coruja virava tanto o pescoço para olhar todos os pássaros que quase deu um nó em si mesma.





Meninos, isso é muito grave – bradou Sabetudinho. Rapinante estava usando de seu tamanho, invade nosso território e quem ela apanha, vai levando sem misericórdia alguma. Pois já dizia o grande Confúcio: – Quem... – Olha aqui, dona Sabetudinho – falou exaltado Branquinho, o periquito australiano. Deixa esse tal de Confúcio pra lá com suas confusões, nós já temos as nossas. A pobre coruja ficou toda arrepiada diante da ignorância do pássaro.

O grupo ainda conversava sem prestar atenção que a noite já havia chegado. E um reboliço danado chamou a atenção de todos lá pros ramos do grande abieiro, onde ficava o ninho de pipira Ira: os filhotinhos de Ira haviam acabado de nascer, e Ratazanaque, a malvada, com os olhos meio rasgados e pelo feio e ralo, focinho meio afunilado, pé ante pé, se equilibrando no galho fraco, a ratazana babava lambendo os beijos rumo ao berço dos filhotes.

Camiranga, o urubu, voando baixo, deu com a ponta da asa bem no lombo da ratazana que, se desequilibrando, caiu e se arreventou toda no chão duro e cheio de pedras.


Como ficara combinado na reunião, quando Tinga e Camiranga, os dois urubus malandros, falaram ao mesmo tempo: – Nós só conhecemos um remédio para parar Rapinante atrevido, é bem-te-vi brigão em cima dele.

A sugestão foi aceita, e os escolhidos foram bem-te-vi, Atrevido e Piripaque chamariam Rapinante para uma luta, quem saísse, perdesse, se retiraria do lugar para sempre. Finalmente amanheceu o dia da luta. Morena, muito nervosa, pedia revirando os olhinhos: – Por favor, meu queridinho, não vai dar um piripaque e deixar Atrevido na mão. O bem-te-vi voou bem alto enquanto cantava em tom agudo: bem-te-vi, bem-te-vi vi viii-miül! Chamando Rapinante para a luta. Piripaque, voando baixo, aguardava sua vez.

Finalmente o gavião os viu e nem parou para pensar, ali voando quase do seu lado estavam dois petiscos deliciosos. E Rapinante, tufando as penas do peito, se lançou no espaço, ao encontro do bem-te-vi, o gavião era guerreiro de nascimento, tinha grandes asas possantes, bico forte e garras afiadas. Rapinante fez um círculo no ar, colocou-se por cima do bem-te-vi. Piripaque, que estava atento, subiu feito um pequeno raio e cravando o bico forte no cocoruto de Rapinante, deu tempo para Atrevido mudar de posição. Recua e ataca, recua e torna a atacar, assim fazia Atrevido, enquanto gritava bem alto: bem-te-vi ti vi viiiiii!!! E o pequeno pássaro bicava sem piedade a cabeça do gavião, enquanto Piripaque, que parecia elétrico, por baixo da grande ave, beliscava e arrancava as penas do seu peito.

Lá embaixo todos estavam cantando e Morena rezava baixinho para o anjo que protege as aves. Até que, enfim, Atrevido e Piripaque, juntos, conseguiram montar na cabeça





de Rapinante, bicavam juntos um olho só da ave que já estava cansada. Com o olho todo roxo, a grande ave desceu mais que veloz, tentando se esconder entre as árvores. Rapinante apareceu lá embaixo, arrastando uma asa mais rosada, o olho fechado e inchado, todo arrepiado. Foi embora o mais rápido que podia e nunca mais apareceu ou se ouviu seu grito de guerra.

Bem-te-vi, mais que Atrevido, gritava junto com Piripaque: – Volta aqui, volta aqui. Voltou nada o coitado...

Da janela de meu quarto, eu, que tudo assisti, parei, enfim, de sonhar. Meu quintal cheio de fruteiras, goiabas, mangas e pitombeiras, é o bosque encantado, cravado no meio do asfalto. Cheio de sombras e trinados, abriga tantos pássaros, que fica difícil de contar. Meus pais nunca deixaram uma só árvore cortar. O lago é o tanque de lavar roupas, aonde sanchaços, pipiras, bem-te-vis e rolinhas, na água limpa, vêm se banhar.

Isto prova, crianças, que mesmo nas grandes cidades o canto de um simples galo, dos pingos de chuva, o vento cantando, um pássaro azul, podem fazer você sonhar.



MINIGLOSSÁRIO:

ABIEIRO: Árvore que dá frutos doces e deliciosos, chamado abiu.

CONFÚCIO: Filósofo chinês.

COCORUTO: Centro da cabeça.

JURUBEBA: Arbusto que tem o tronco cheio de espinhos e dá um fruto pequeno e amarelo.

JURUBEBAL: Grande quantidade da planta jurubeba.



**GRÁFICA
MODERNA**
QUALIDADE • TECNOLOGIA • COMPROMISSO

Este livro foi impresso em Manaus pela **Gráfica Moderna** – o miolo e capa – foram feitos pela Cultura Edições Governo do Estado



Sem tempo de se esconder, Piripaque e Amarelinho, o canário cantador, ficaram paralisados de medo.

A ave de rapina desceu feroz sobre o Amarelinho, cravou as garras em seu corpinho e se elevou de volta às grandes árvores. Novamente Piripaque desmaiou e caiu entre os pontudos espinhos de uma jurubeba.

Piripaque abriu os olhinhos, Morena despejava com o bico gotinhas de orvalho sobre o apavorado pássaro.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA